



O PODER SIMBÓLICO DA VESTIMENTA: REFLEXÕES SOBRE A CERIMÔNIA DO MANTO DE APARECIDA

The symbolic power of clothing: reflections on the ceremony of the Aparecida mantle

MOREIRA, Fuviane Galdino; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),
moreira.fuvi@hotmail.com

Resumo: A cerimônia do Manto de Nossa Senhora Aparecida compreende os usos e as funções das vestimentas que ornaram as esculturas sagradas (TREXLER, 1991). Para este estudo, apoiamos-nos no conceito de imagem-objeto (BASCHET, 2008), destacando a materialidade do tecido no processo de construção da imagem sacra, a fim de revelarmos o conhecimento da relação entre o vestuário e a religião.

Palavras chave: Nossa Senhora Aparecida; Manto; Cerimônia.

Abstract: The ceremony of Our Lady Aparecida's mantle consists of the uses and functions of the vestments which adorn the sacred sculptures (TREXLER, 1991). For this study, we rely on the concept of image-object (BASCHET, 2008), highlighting the materiality of the tissue in the construction process of the sacred image, in order to revealing the knowledge of the relationship between the dressing and the religion.

Keywords: Our Lady Aparecida; Mantle; Ceremony.

Introdução

O estudo da cerimônia da bênção do manto de Nossa Senhora Aparecida nos subsidia na compreensão dos usos e das funções das vestes na imaginária cristã. Para o medievalista Baschet (2008), o sentido da palavra uso é algo que pode ser observado na prática do próprio processo de vestir e despir a representação da estatuária religiosa. A palavra *função* se define como

1





uma perspectiva de compreensão histórica geral. Nesse sentido, investigamos acerca da importância da vestimenta para a imaginária sagrada, partindo desta questão: por que será que uma escultura cristã-católica como a de Nossa Senhora Aparecida tem de ser ritualmente vestida? O rito da Igreja católica para abençoar o tecido que orna a figura dessa padroeira brasileira foi realizado como processo de sacralização ocorrida de janeiro de 2012 a dezembro de 2016.

Um rito consiste de “[...] uma sequência ordenada de gestos, sons (palavras e músicas), e objetos, estabelecida por um grupo social com finalidades simbólicas” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 415). Sobressai-se nesse âmbito o sentido gestual, vocal e emblemático com a mesma intensidade. Pelo fato de igualmente acrescentarmos a vestimenta nessa conjuntura, assinalamos a benção dos tecidos que cobrem a Virgem Maria.

Certos trechos bíblicos são potenciais fontes da presença do poder das vestimentas que de alguma forma ficaram em contato com o ser divino. Palla (1999, p. 25) esclarece que alguns exemplos da literatura bíblica demonstram a importância simbólica desse artefato têxtil para uma sociedade religiosa. “Atribui-se ao traje uma importância tão grande quanto ao pão”. Em Gênesis 28: 20-21 (BÍBLIA SAGRADA, 2001, p. 75), Jacob fez este voto: “Se Deus for comigo, se ele me guardar durante esta viagem que empreendi, e me der pão para comer e roupa para vestir, e me fizer voltar em paz à casa paterna, então o Senhor será o meu Deus”. Assim, num sentido similar ao pão, a roupa acarreta nesse cenário um significado vital e essencial para vida. Também em Atos dos Apóstolos 19: 11-12, podemos observar o destaque das vestes em outras passagens bíblicas:

[...] Deus fazia milagres extraordinários por intermédio de Paulo, de modo que lenços e outros panos que tinham tocado o seu corpo eram levados aos enfermos; e afastavam-se deles as doenças e retiravam-se os espíritos malignos (BÍBLIA SAGRADA, 2001, p. 1437).



Isso comprova a sacralização do objeto tecido a partir de sua justaposição ao corpo do ser transcendental. Dessa forma, é evidente o caráter simbólico do têxtil tanto no Antigo como no Novo Testamento. Palla (1999, p. 26-27) afirma que o vestuário possui funções múltiplas e uma linguagem não menos eloquente do que a palavra, sendo capaz de expressar determinada identidade, um estado da alma ou mesmo um mistério litúrgico. Por esse prisma, o artefato têxtil “[...] pode desempenhar, ao mesmo tempo, uma função emblemática, alegórica ou simbólica”.

Por intermédio de um ritual, a materialidade física do objeto dá espaço à presença de uma imagem invisível e divina. Com essa duplicidade (o visível e o invisível), o conceito de imagem-objeto proposto por Baschet (2008, p. 40, tradução nossa) nos auxilia a desvendar que uma parte da eficácia do poder simbólico do manto de Nossa Senhora é o fato dele também ser um artigo imaginário e imaginado. A veste nos transmite informações que têm relação direta com as interações sociais das quais estamos envolvidos. Há um vínculo com o celestial que, embora, aparentemente “invisível”, se configura no imaginário dos fiéis, tornando-se onipresente e “eternamente vivo”. O manto de Maria está unido às experiências no âmbito da esfera da imaginação “(sonho, visão, imagem mental)”, indo ao encontro do que também admite Schmitt (2007) acerca da imago medieval, que tem uma função de *presentificação*, evocando um imaginário que é ao mesmo tempo histórico e transcendental.

Existe uma conexão entre o objeto concreto e a imagem que dele se constrói. Por isso, ignorar um dos termos seria uma forma de colocar em esquecimento o aparecimento da estátua vestida. Quando o sacerdote abençoa o manto que veste Nossa Senhora Aparecida, passa a nos reportar e a reforçar uma lembrança do divino. Esse artifício pelo qual se pode ascender por meio de coisas visíveis à contemplação de algo invisível já existia na teologia da imagem do século XII como noção de *transitus* “(processo de



elevação espiritual a partir da imagem material)” (BASCHET, 2008, p. 31, tradução nossa). Mas, para isso é necessária uma ativa intervenção imaginária do devoto, que se apropria, por exemplo, de uma escultura ou de um tecido sagrado para aí suscitar um sentimento de devoção (BASCHET, 2008). É essa relação que percebemos existir entre o fiel e o manto consagrado de Nossa Senhora Aparecida. Quando o religioso entra em contato com a veste de Nossa Senhora, a imaginação que se conjuga na cerimônia apresenta-se em movimento, na busca de um ser supremo.

Desde a Idade Média, os ritos e os sacramentos fundamentam a igreja. Isso se propagou por intermédio das pinturas murais, esculturas, vitrais, tapeçarias, retábulos, cruzeiros, púlpitos, relicários, livros, vestimentas etc. Há uma profusão de figuras associadas ao lugar sagrado, o que mostra a necessidade de seu comparecimento nesses espaços, considerando-se que essas imagens são vistas como índices de uma ordem cósmica e de um mistério que o ritual as faz participar.

No decurso dos significados da veste, Palla (1999) realça que a comunicação da indumentária é tornada possível pela vigência de códigos e por uma correspondência quase imediata entre o referente e o signo. Tomás de Aquino distingue dois aspectos na imagem: signo (relacionada ao protótipo) e coisa (objeto fabricado) (BASCHET, 2008). A imagem-objeto dá significado a um determinado referente, ao mesmo tempo em que visa a convocar-lhe uma existência ativa. Por isso, a representação tem um sentido muito mais abrangente, haja vista que não podemos falar da imagem sem mencionar a força sobrenatural que vem habitar o seu protótipo, deixando transparecer uma espécie de *presentificação* citada por Jean-Pierre Vernant (apud BASCHET, 2008) e por Schmitt (2007). Na comunicação entre o divino e o devoto intermediada por Nossa Senhora Aparecida, o manto consagrado, então imagem-objeto, convoca figuras e conforma significados, promovendo



correlações humanas vinculadas a associações com os poderes transcendentais. Torna presente a partir de um protótipo um personagem divino, que não é nem permanente, nem inerente ao lugar que habita.

A cerimônia do manto de nossa senhora aparecida

Despir e vestir uma estátua sagrada, como acontece com a escultura de Nossa Senhora Aparecida na cerimônia da benção do manto, traduzem também uma busca de realismo para a representação dessa devoção religiosa (figura1). Em 2012, esse ritual se chamava Graça e Luz, devido ao *slogan* da Campanha dos Devotos “Graça e Luz em sua vida!” O programa que transmitia a cerimônia fazia parte de uma parceria entre a produção da Campanha e a TV Aparecida. Quanto às partes oracionais, eram escritas pelo missionário redentorista Ferdinando Mancílio (BARBOSA, 31 jul. 2017). No caso da primeira consagração do manto da Virgem Aparecida, consta que foi celebrada por Dom Raymundo Damasceno Assis, que, na época, era Cardeal Arcebispo de Aparecida, com as presenças do Padre Luiz Cláudio Alves de Macedo e de Dom Darci José Niciolli, que também foi celebrante dessa solenidade. Em seguida, os missionários redentoristas passaram a revezar a presidência dessa celebração.

Figura 1: Retirada do manto da imagem de N. Sra. Aparecida na cerimônia do dia 12 de setembro de 2016.



Fonte: Cerimônia... (Acesso em: 31 jul. 2017).

Segundo Bavoux (2012, p. 400, tradução nossa), as “estátuas da Virgem são frequentemente vestidas”. Essas vestimentas quase sempre são confeccionadas com materiais nobres e têm parentesco formal com os ornamentos litúrgicos. Trexler (1991, p. 196, tradução nossa) aciona o medievo para indicar que os cortesãos e burgueses desse período e do início dos tempos modernos tinham o costume de emprestar ou doar suas vestes para representações dramáticas e eclesiásticas do teatro religioso. E dentro de uma parte da Europa, ainda no início da época moderna, começou-se “[...] a utilizar a vestimenta que havia indumentado os homens célebres em determinadas cerimônias, para cobrir suas esculturas votivas de cera, concebidas em tamanho real”. No caso de nossa pesquisa, a ilustração a seguir (figura 2), mostra o Sacerdote vestindo a Virgem Aparecida na cerimônia do manto de 12 de setembro de 2016.

Figura 2: Sacerdote vestindo N. Sra. Aparecida com manto consagrado.



Fonte: Cerimônia... (Acesso em: 31 jul. 2017).

Vestir as estátuas religiosas, de acordo com Bavoux (2012), faz parte de um ritual reservado às pessoas privilegiadas, que participam de uma espécie de “antropologia do simulacro”. A primeira cerimônia da benção em questão ocorreu em 12 de janeiro de 2012 (figura 3); e a última, em 12 de dezembro de 2016.



Figura 3: 1ª Cerimônia do Manto da escultura de N. Sra. Senhora Aparecida, com o sacerdote Dom Raymundo Damasceno Assis.



Fonte: Barros (2012).

Para além da produção e doação de uma escultura, é possível evocar sua fabricação ritual. A imaginária cristã parece requerer apenas um rito: “[...] na melhor das hipóteses, uma simples bênção” (BASCHET, 2008, p. 46, tradução nossa). A partir do século XI, os papados previram uma rubrica específica para a bênção das estátuas da Virgem e dos Santos. Isso provavelmente pelo fato de esse cenário ter-se tornado necessário ao equilíbrio do sistema religioso no fim da Idade Média. Passou-se a oferecer aos leigos uma possibilidade de ação ritual que reivindicava um estatuto quase similar àquele dos sacramentos, mesmo que sem poder igualar-se completamente a eles.

A cerimônia era realizada na capela dos apóstolos da Basílica de Aparecida (SP), e somente participavam do evento, além dos sacerdotes e das irmãs Carmelitas, aqueles que contribuíam com a campanha dos devotos. Essa ação da igreja foi criada em julho de 1999, pelos Missionários Redentoristas, responsáveis pela administração do Santuário Nacional, com o apoio do, então, Cardeal Dom Aloísio Lorscheider. Surgiu pela necessidade de uma cooperação financeira mais abrangente para a concretização do acabamento e da infraestrutura daquele espaço religioso, uma vez que os recursos adquiridos por meio de doações ainda não eram suficientes para suprir as despesas da



época, conferindo aos devotos da Virgem Aparecida a possibilidade de colaborarem com as obras do Santuário Nacional. Nessa mesma ambiência, em meio às obras realizadas na Cúpula Central do Santuário de Aparecida, foi elaborado e efetivado em 2012 o projeto da cerimônia aqui estudada. No final da bênção, as citadas irmãs carmelitas do Convento de Aparecida recebiam capas de veludo azul, outrora localizadas sob o manto da Virgem (figura 4) para, então, posteriormente, cortá-las em parcela e enviá-las aos que haviam contribuído com a campanha dos devotos; isso ocorreu desde a primeira cerimônia. Embaixo do manto da escultura da Virgem Aparecida eram postas novas capas.

Figura 4: Escultura de N. Sra. Aparecida sobre o altar, de toalha azul, despida das capas e do manto, sem a coroa no processo de consagração dos tecidos.



Fonte: Barros (2012).

Bavoux (2012, p. 427, tradução nossa) nota que o tecido “[...]” pode aparecer como selo de uma prática santificada”. Por isso, os têxteis são, por sua vez, atores nos relatos de milagres. É inegável sua participação também nas análises históricas que atravessam a arte sacra, relacionando a função dos objetos em sua conexão com os indivíduos, contando-nos a história de uma sociedade.

A estruturação da cerimônia da bênção do Manto foi concebida por Rômulo Barros, que em 2016 retornou ao projeto como roteirista, finalizando-o nesse

8



ano, e passando a se dedicar à sua função como diretor artístico da coroação de Nossa Senhora Aparecida em 2017 (BARBOSA, 31 jul. 2017). Ele também é autor do momento no qual todos os Estados brasileiros eram abençoados e postos sobre a proteção da Virgem Aparecida, como se vê na (figura 5), que mostra a cerimônia de setembro de 2016. Cada ponta da toalha de cor azul, que cobria o altar nessa solenidade era levantada por um sacerdote, que enunciava a bênção de um dos pontos cardeais, de Norte a Sul e de Leste a Oeste deste país.

Figura 5: Sacerdotes abençoando os Estados brasileiros, com os tecidos consagrados da veste de N. Sra. Aparecida e da toalha que a acomodou, em 12 de setembro de 2016.



Fonte: Cerimônia... (Acesso em: 31 jul. 2017).

Na história do vestuário hebraico, Haulotte (1965) mostra que o fato de se usar uma roupa, cobrindo e exaltando o corpo humano, seria uma forma de tirar um indivíduo de uma indistinção caótica. Além de ser uma manifestação da cultura, a veste nas esculturas sacras também é uma forma de expressão da alma; sua presença num âmbito cristão tem o poder de promover uma aproximação maior com o Redentor. Por isso, o ato de vestir um corpo humano ou o “corpo da imagem” pode refletir desde o início um pensamento religioso que atravessa as práticas sociais das pessoas de certa comunidade, tornando-se uma forma de legitimar as informações políticas e religiosas que se quer transmitir (CHERCHANOC; HUET, 2007).



Os modos de manifestação dos atos simbólicos levantam uma reflexão mais ampla sobre o tema religioso. Podemos nos reportar ao fim do século VI, pois, na liturgia bizantina, condensava-se numa imagem vívida uma equivalência entre a veste protetora de Maria e o corpo de Cristo. A metáfora comumente abordada acerca da proteção do devoto pelo manto sagrado de Maria nos remete à Barnay (2001, p. 2, tradução nossa). A primeira transposição doutrinária aparece por detrás da imagem de um manto protetor, encontrando sua fonte na base da crença em aparições marianas, atestadas desde o fim do século IV, em Constantinopla. Nesse sentido, “[...] toda a exploração narrativa e exegética é então a origem dos relatos em que a Virgem ‘veste’, cobre e protege os homens medievais com sua vestimenta celeste”. Dessa forma, podemos intuir que a característica benevolente do manto recorrente desde tempos medievais em face da benção do manto aqui em estudo abarca o poder simbólico e a funcionalidade desse arsenal têxtil que cobre Nossa Senhora Aparecida.

Considerações Finais

Vimos que as relações entre o devoto e a divindade se medeiam pelo artifício simbólico da vestimenta sagrada. E isso ocorre de forma completa com os usos do manto de Nossa Senhora Aparecida, cujas funções rituais, culturais, sociais e até políticas realçam o poder simbólico desse tipo de traje. Reforça-se, dessa maneira, a importância da materialidade da imaginária que, podendo ser lavada, ungida, coroada ou abençoada nos processos de sagração do objeto, produz uma mudança esperada no estado de santificação do que se está bendizendo.

Expusemos que o conceito de imagem-objeto para a veste da Virgem Maria se justifica por sua característica concreta e abstrata. As capas subjacentes ao manto de Nossa Senhora têm sua concretude pela própria



necessidade de consagração, divisão e distribuição aos devotos da campanha católica, e, ao mesmo tempo, evocam sua eminência ao sagrado ao fixar as virtudes sobrenaturais e as práticas coletivas que a nomeiam e a manifestam.

A seleção de pessoas que podiam participar pessoalmente da cerimônia da bênção do manto ocorria numa prática ritual-religiosa permeada pelo privilégio de receber tanto o pedaço de tecido que havia vestido Maria quanto as parcelas tomadas da toalha posta no altar, que acomodava Nossa Senhora nessas cerimônias. Ao ver uma escultura sacra com os olhos corporais, é possível meditar sobre elas com o anteparo da memória, estimulando-se a imitação de suas obras e santidade. Dessa forma, a imagem-objeto, a veste e/ou tecido e o que simbolizam, são concebidas(o)s como um todo, acarretando sentidos diante dos costumes culturais e das interações sociais que lhes são configuradas.

Assim, este estudo se propôs a explicar os ritos da igreja católica e suas influências nos modos vestimentares da devoção mariana, em face das simbologias teológicas, para a qual acenam, por exemplo, Palla (1999). Além disso, pusemos em destaque as vestes da imaginária sacra, contribuindo para a valorização desse tema na história da arte, especialmente, na conexão entre estas duas áreas: vestuário e arte sacra.

Referências

BARBOZA, Dorothea. Cerimônia do Manto. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dorothea.barboza@santuarionacional.com> em 31 jul. 2017.

BARNAY, Sylvie. Une apparition pour protéger. Le manteau de la Vierge au XIII^e. **Cahiers de recherches médiévales et humanistes**. Paris, n. 8, 2001, p. 1-10. Disponível em: <<http://crm.revues.org/378>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BARROS, Rômulo. Cerimônia do Manto. Aparecida, 2012, vídeo, color, 25'24". Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QqQVB8WEQsM&feature=g->



usera&list=PL9B0A28B3B362CB17&context=G2cbdf7aUCGXQYbcTJ33ZPBjE uicOQYbNs6Pcq7UJoB8vjYbZncUY>. Acesso em: 31 jul. 2017.

BASCHET, Jérôme. **L'iconographie médiévale**. Paris: Gallimard, 2008.

BAVOUX, Nadège. **Sacralité, pouvoir, identité**. Une histoire du vêtement d'autel (XIII^e – XVI^e siècle). 2012. "856 [853]"f. Thèse (Doctorat en Histoire Medieval). Centre de Recherche en Histoire et Histoire de l'Art. Italie et Pays Alpains. L'École Doctorale des Sciences de l'Homme, du Politique et du Territoire, Université de Grenoble, Grenoble, 2012. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/871317/filename/29896_BAVOUX_2012_archivage_1_.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). 145 ed. rev. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2001.

CERIMÔNIA DA BENÇÃO – SETEMBRO DE 2016: Campanha dos devotos, 12 set. 2016. Disponível em: <<http://www.a12.com/santuari-nacional/noticias/detalhes/cerimonia-da-bencao-setembro-de-2016>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

GHERCHANOC, Florence; HUET, Valérie. S'habiller et se déshabiller en Grèce et à Rome. **Revue historique**, Paris, n. 641, p. 3-30, 2007. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-historique-2007-1-page-3.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

HAULOTTE, Edgar. **Symbolique du vêtement selon la Bible**. Paris: Aubier, 1966.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Ritos. In: **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Tradução de Hilário Franco Júnior. Bauru: Edusc, 2006. v. 2. p. 415-430.

PALLA, Maria José. **Traje e pintura** – Grão Vasco e o retábulo da Sé de Viseu. Lisboa: Estampa, 1999.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru: Edusc, 2007.

TREXLER, Richard C. Habiller et déshabiller les images: esquisse d'une analyse. In: DUNAND, Françoise; SPIESER, Jean-Michel; WIRTH, Jean. (Dir.). **L'image et la production du sacré**. Actes du Colloque de Strasbourg (20-21 jan. 1988). Paris: Meridiens Klincksieck, 1991, p. 195 - 231.